

JUNG NA ENCRUZILHADA

Adriana Facina¹



¹ Doutora em Antropologia Social e professora no Museu Nacional/UFRJ. Analista junguiana em formação pelo CEJAA.

² Jung define a sincronicidade como um princípio de conexões acausais, coincidências significativas que parecem se apoiar em fundamentos arquetípicos. A sincronicidade

A encruzilhada é o umbigo do mundo
(dito de terreiro)

Adakê Exu, Exu, ê Mojubá
Ê Bará ô, Elegbara
Lá na encruza, a esperança acendeu
Sou Grande Rio, Grande Rio sou eu

Adakê Exu, Exu, ê Mojubá
Ê Bará ô, Elegbara
Lá na encruza, onde a flor nasceu raiz
Eu levo fé nesse povo que diz

(trecho do samba-enredo da Acadêmicos do Grande Rio, escola campeã do carnaval 2022)

Abre caminho

Sincronicidade². Essa foi a minha chave de leitura para a vitória da escola de samba Acadêmicos do Grande Rio no carnaval carioca de 2022. A agremiação de Duque de Caxias, município da Baixada Fluminense, levou para o Sambódromo um enredo inédito sobre Exu³ e conquistou seu primeiro campeonato. O enredo buscou confrontar a visão cristã que assimilou Exu ao Diabo, atribuindo ao orixá características maléficas que são matéria-prima para a perseguição aos terreiros de religiões afro-brasileiras empreendida pelo fundamentalismo cristão. Com essa finalidade, trouxe para o desfile diversos aspectos de Exu, suas manifestações e seus domínios, organizadas em sete chaves, número associado ao senhor das encruzilhadas. As sete chaves buscavam responder, ainda que parcialmente dada a complexidade da divindade, a pergunta: Quem sou eu? As respostas desdobravam Exu em múltiplos caminhos e possibilidades: 1. princípio de tudo na travessia

² Jung define a sincronicidade como um princípio de conexões acausais, coincidências significativas que parecem se apoiar em fundamentos arquetípicos. A sincronicidade significa: “a simultaneidade de um estado psíquico com um ou vários acontecimentos que aparecem como paralelos significativos de um estado subjetivo momentâneo e, em certas circunstâncias, também vice-versa.” (Jung, 2014c: 35)

³ O enredo *Fala, Majeté! Sete Chaves de Exu* foi criado pelos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, com pesquisa de Vinícius Natal. A sinopse pode ser consultada em <https://www.academicosdogranderio.com.br/enredo> (visitado em 29 de abril de 2022)

diaspórica da Calunga Grande, transformando o Atlântico no mar de dendê; 2. caboclo e Zumbi dos Palmares, se espalhando nas batalhas dos povos originários e dos africanos em diáspora; 3. o mercado, as trocas, as linguagens, os oráculos e destinos; 4. o povo de rua; 5. as festas populares no gingado do corpo; 6. as artes, os saberes, os aprendizados, as modernidades e os modernismos; 7. o lixo, os rejeitados, marginalizados que criam novos caminhos, ancestralidade como fim e novo começo.

O enredo foi um grande manifesto de louvor à festa, à vida e às culturas afro-brasileiras, criticando o racismo, as desigualdades sociais, o ódio. Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que somente hoje atirou. O ditado iorubá faz todo sentido se pensarmos que essa epifania se deu no primeiro carnaval após a derrota eleitoral do antigo prefeito da cidade, bispo licenciado da Igreja Universal do Reino de Deus, e antagonista declarado dos festejos de Momo.⁴ Uma afirmação de fé importante no carnaval que marca ainda o retorno do festejo popular após mais de 600 mil mortos pela pandemia de COVID-19 no Brasil, país governado pela extrema-direita negacionista da ciência, fundamentalista cristã, destruidora do meio ambiente e de direitos sociais e culturais. Comentando a importância do enredo, um dos carnavalescos da escola de samba de Caxias afirmou:

O enredo tem um conjunto de importâncias. A principal delas é desconstruir os estereótipos negativos que foram atribuídos, devido a esse processo de racismo religioso, à divindade Exu, que é uma divindade múltipla e viva. Mas foi incorporada por todos na Avenida”, disse **Leonardo Bora**, um dos carnavalescos da Grande Rio.⁵

Evento significativo em sincronia, o carnaval de Exu iluminou a escrita deste trabalho e ampliou meu repertório imaginal sobre as complexidades do orixá que guiou minha formação junguiana. Se, a princípio, minha ideia era ler Exu a partir de uma perspectiva junguiana, aos poucos a fome sem fim de Exu devorou Jung e me levou a inverter a lógica: Exu vem primeiro. Jung é a oferenda na encruzilhada. Essa pedra atirada nos acertou aqui, se pensarmos com Edimilson de Almeida Pereira que

⁴ Há inúmeros artigos na imprensa com delações contrárias ao Carnaval do então prefeito Marcelo Crivella (2017-2020). Ao ser acusado de corrupção, defendeu o que considerava um dos pontos altos de seu governo: tirar verbas do Carnaval. <https://vejario.abril.com.br/beira-mar/crivella-justifica-governo-tirei-recursos-carnaval-prisao/> (visitado em 13 de maio de 2022)

⁵ <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2022/noticia/2022/04/26/grande-rio-e-a-campea-do-carnaval-2022-do-rio.ghtml> (visitado em 29 de abril de 2022)

É no instante de hesitação entre a apreensão de uma ou outra formação epistemológica que Exu se exprime como o motor que faz a máquina da comunicabilidade movimentar-se em diferentes direções, simultaneamente. Por isso, a pedra atirada – ontem ou hoje -, a depender da habilidade do sujeito para gerar discurso e ação, poderá atingir o seu alvo agora, ontem ou amanhã: não há, enfim, *nonsense* mas probabilidades na construção do sentido. (PEREIRA, 2017: 109)

Ler Jung a partir de Exu é fazer festa, é botar o psiquiatra suíço para dançar na rua e se comunicar com o tempo do agora.⁶ É propor reflexões abertas, cruzos, ampliar possibilidades terapêuticas e de análises sócio-históricas. Como princípio descolonizador, Exu se incorpora em Jung, gargalha, cospe marafo e recusa certezas, ortodoxias e estagnações, desestabilizando eurocentricidades. Comunicação, movimento, dinamismo, criatividade, transformação: elementos comuns a Exu e à psicologia analítica.

O orixá já foi tema de importantes trabalhos no campo junguiano. Apresento aqui brevemente dois deles. A dissertação de mestrado de Sônia Lages (2003) e um artigo publicado por Carlos Augusto Serbena e Michelle Gabani (2015).

Sônia Lages apresenta Exu como arquétipo da sombra na sociedade brasileira e explica do seguinte modo a intenção da sua dissertação:

A proposta do trabalho é de verificar em Exu a dinâmica puer et senex, o eterno conflito psíquico e social entre o novo e o velho, a ordem e a contra-ordem, a tradição e a inovação, a prisão e a liberdade. Tal conflito, observado a partir das tensões entre a Umbanda e a Quimbanda, é um conflito individual e coletivo, também presente na cultura brasileira.

Inerente a esse confronto, está o conceito junguiano de sombra. Ou seja, toda a parte da personalidade que foi reprimida em benefício de um ego ideal e que acabou por encontrar no outro o inferior, o mal, a sua própria sombra. A pretensão é demonstrar que a entidade de Exu é a projeção da sombra do inconsciente coletivo brasileiro, mas que, nos terreiros desse campo religioso estudado, a problemática da sombra readquire uma nova conotação. (LAGES, 2003: 4)

⁶ Foi durante a ascensão do nazifascismo na Europa dos anos 1930, que Walter Benjamin apontou ser necessário – se pretendemos contar a história ao lado da narrativa dos oprimidos, portanto daqueles que são derrotados na história – romper com a ideia de um *continuum*, de um progresso triunfante, de um tempo linear que segue rumo a um futuro glorioso. Para ele, o presente é pleno de *agoras*. Trata-se de um agora que é ao mesmo tempo passado, futuro e presente. (BENJAMIN, 1994)

A autora segue:

A presente dissertação é, pois, essencialmente uma análise psicológica da entidade de Exu e suas repercussões no campo religioso da Umbanda, no indivíduo e na sociedade. (LAGES, 2003: 5)

Com base em pesquisa de campo em que observou rituais e práticas religiosas, Sônia Lages interpreta o Exu na Umbanda, em seus diversos aspectos (malandros, pombas giras, catiços etc.), servindo-se de conceitos junguianos. Exu é compreendido como fenômeno psíquico coletivo e analisá-lo é, para a autora, caminho para desvendar aspectos importantes da sociedade brasileira.

Serbena e Gabani também analisam Exu na relação com o conceito junguiano de sombra, que eles explicam da seguinte forma:

O conceito de sombra desenvolvido por Jung engloba tudo aquilo que é reprimido em função do estabelecimento de um ego ideal. A sombra é a soma das qualidades desagradáveis, o lado inferior do indivíduo (JUNG, 2012b; SAMUELS et al., 1986), é o anseio arquetípico do bode expiatório, de alguém para culpar e atacar por ser o portador de todo mal que o ego não reconhece como seu (WHITMONT, 1991). (SERBENA; GABANI, 2015: 59)

E seguem:

A sombra é o oposto da persona, a máscara social (JUNG, 2012b, STEIN, 2006). Quando o ego está identificado com uma persona fortemente pautada por uma moralidade excessiva, a sombra se consubstancia no oposto, no mal e em toda imoralidade possível. Como a sombra é negada, projeta-se o mal para o exterior, para os outros (individualmente) e para o mundo (coletivamente) ou ainda em objetos (personificando-os). Contudo, a sombra não é potencialmente má, pode também possuir aspectos positivos desconhecidos (JUNG, 2012b; HOPCKE, 2012). (SERBENA; GABANI, 2015: 60)

Para os autores, como sombra, Exu teria a capacidade de desvelar um processo psíquico, um potencial oculto que pode apontar para futuros alternativos conforme o símbolo deixa de ser identificado ao Diabo, ao Mal e passa a ser integrado à consciência, com seus conflitos e ambiguidades. Serbena e Gabani apontam para possibilidades de transformações psíquicas individuais e coletivas ao se trazer para a consciência seu simbolismo:

O Exu, como símbolo, significa a manifestação inconsciente que tem como finalidade ajustar a medida das coisas, de revelar a verdade por descaminhos, de conduzir ao desenvolvimento da psique pessoal. A ambiguidade é a marca registrada de sua manifestação e não a malignidade projetada coletivamente ao longo dos séculos de hegemonia cristã. (SERBENA; GABANI, 2015: 62)

Integrar o Exu sombra à consciência depende da confrontação com a religiosidade cristã, unilateral, que recusa o mal como parte da vida e, justamente por isso, é mais suscetível de ser dominada por ele. A conclusão dos autores contribui para entendimento da relevância do carnaval da Grande Rio nesse processo psíquico:

Tirar o Exu das projeções sombrias e trazê-lo à luz da consciência é o único modo de afastar o receio de uma possessão arquetípica provocada pelo desconhecimento do seu simbolismo verdadeiro. E aí, como aduz Jung (2011c), o que o arquétipo, no caso a figura do Exu, vai ser ou não de fato dependerá unicamente de uma atitude da consciência. (SERBENA; GABANI, 2015: 67)

Em diálogo com esses trabalhos, posso afirmar que aqui o movimento é outro. A tentativa que proponho é ler Jung a partir de Exu, este compreendido como um princípio epistêmico que orienta a compreensão da dinâmica da psique. Não enfatizarei a observação de rituais religiosos. A análise se concentrará em itans, histórias de origem iorubana que compõem um acervo que permite aproximação com o princípio Exu. Não proporei aproximações com arquétipos como do *trickster* e similares de natureza mercurial,⁷ o que poderia limitar o reconhecimento das especificidades e distinções do dono dos caminhos.

⁷ É importante notar, entretanto, as similitudes entre tais arquétipos e o próprio inconsciente tal como abordado na teoria junguiana: “Esse aspecto do diabo, que também é o do deus Mercúrio, trai sua estreita identificação com o inconsciente, que também tem uma natureza de Mercúrio, sendo primeiramente uma coisa e depois outra, assumindo primeiro uma forma simbólica e depois outra. O inconsciente tem realmente uma qualidade demoníaca. Contém, como já vimos, as qualidades desagradáveis da nossa natureza, que rejeitamos do consciente. Ele se recusa a ser absorvido por uma consciência monolítica, preferindo constantemente um paradoxo a uma expressão da verdade que, embora clara, esteja separada do lado sombrio. É também um embusteiro, pois o inconsciente está repleto de trapaças que têm, como efeito último, trapaçar um alargamento da consciência; mas, no momento em que o faz, parece ser o próprio diabo. É lógico que esse é somente um dos aspectos do inconsciente. Ele tem também um profundo aspecto moral e representa uma verdade última da qual nunca podemos escapar, mas, como o lado demoníaco também aí está, o inconsciente é visto com suspeita. Ele pode facilmente ser visto como o diabo por aqueles que têm receio do paradoxo e necessitam da segurança daquilo que é supostamente a mais absoluta e inflexível verdade.” (SANFORD, 1988: 148-9)

Meu ponto de partida e de chegada é a encruzilhada. Com Luiz Rufino, a quem dou a mão como guia deste texto, reivindico a encruzilhada como conceito para ler o mundo, a partir das potências de Exu. (RUFINO, 2019: 18) Cruzar Jung com Exu não objetiva corrigir ou purificar Jung, eliminar suas contradições, seu racismo e eurocentrismo, mas abrir questões, possibilidades, tentar caminhos. Nos termos de Rufino,

O *cruzo* é a rigor uma perspectiva que mira e pratica a transgressão e não a subversão, ele opera sem a pretensão de exterminar o outro com que se joga, mas de engoli-lo, atravessá-lo, adicioná-lo como acúmulo de força vital. (RUFINO, 2019: 18)

O percurso para essa conversa começará apresentando Exu como princípio para, em seguida, arriarmos Jung na encruzilhada trabalhando com alguns itans encruzados com a psicologia analítica.

O princípio Exu

Bara, Elegbara, Legba, Yangí e tantos outros nomes nos candomblés, santerias, batuques. Tranca Ruas, Tiriri, Lalu, Caveira, Sete Encruzilhadas, Giramundo e outros tantos nomes nas umbandas e macumbas. Quantos são os Exus que vivem nas religiões brasileiras de matriz africana e/ou afro-ameríndias? Tantos nomes são também as tantas faces de Exu. Orixá mais próximo aos seres humanos, Exu faz o bem, faz o mal, ama, odeia, não tem posses, mas adora comida e dinheiro, cria confusões por diversão e as resolve por prazer. Dono da comunicação entre seres e mundos, media acordos e cria mal entendidos. Protege seus filhos, mas ai daquele que esquecer de louvá-lo e alimentá-lo: sua vida pode virar um verdadeiro inferno de insucessos, tropeços e mesmo doenças e mortes. Bem e Mal não se opõem para Exu. Tudo depende de contextos e situações e ele é capaz de fazer o mal para levar o bem a um filho seu. Exu é movimento, ação, é barulho de rua, é ambiguidade e graça. É astúcia do mais fraco, é roubar ou recompensar quem faz por merecer seu desprezo ou sua consideração. Os mercados são de Exu, lugares imemoriais de troca de mercadorias, palavras, saberes, informações. Exu adora intrigas, se diverte em jogar com seres humanos, sempre tão binários e literais em seu jeito de ver o mundo preto no branco. Geralmente, sair de um enrascada criada por Exu exige da vítima

negociação, jogo de cintura e sagacidade para enxergar caminhos inesperados. Exu mente como ninguém e, por isso, reconhece mentirosos e até tem-lhes simpatia, desde que não mintam para ele. De vez em quando algum orixá lhe dá uma lição, porém nada adianta e ele continua a fazer das suas. E como come! Exu é faminto, tem pressa de comer, deixá-lo com fome é perigoso. Por isso, sempre come primeiro. Alimentar Exu é tentar garantir ordem na festa e no mundo. Uma ordem sempre instável e caprichosa, pois o senhor das encruzilhadas gosta do inesperado, do criativo, da inteligência, de tudo que move o mundo, ainda que gere caos e incertezas.

Suas ambiguidades, seu falo, sua origem africana contribuíram para uma leitura cristã que assimila Exu ao Diabo. Para além do racismo etnocêntrico evidente desta assimilação, ela denota a dificuldade da matriz histórica judaico-cristã em lidar com potências que não podem ser contidas em dicotomias e binarismos. (PRANDI, 2001) É preciso lembrar ainda que Jung diz que o Diabo é variante do arquétipo da sombra, o que nos ajuda a entender o esforço dessa religiosidade cristã em tornar sombrio, fora do alcance da consciência, as contradições e incertezas que Exu suscita. (JUNG, 1985)

Entretanto, ainda que critiquemos a assimilação cristã de Exu ao Diabo, sob um ponto de vista que incorpora as suas ambiguidades estruturantes, Exu também é Diabo. Um conto de Dandara Suburbana (Carolina Rocha) intitulado *Exu não é Diabo, porém depende*, que transcrevo abaixo, representa essa capacidade simbólica de Exu de devorar sentidos muitas vezes contrários, tornando-o indefinível:

Era uma segunda-feira dessas arretada, sol quente torrando o quengo dos candangos no ponto de ônibus. Sem sombra ou água fresca. Eu pegava três conduções pra chegar na faculdade. Com sorte, nenhuma quebrava. E pobre tem sorte? É melhor contar com a parada indesejada. Saía às 5 horas de casa. Uma vez cheguei atrasada e o professor falou: isso aqui não é espaço pra vagabundo, só vai chegar lá quem se esforçar... A palavra ficou martelando dias na minha cabeça. Esforço era meu irmão mais velho que fazia carregando 10 sacos de cimento por dia pra eu estudar: a menina vai ser dotora, não vai comer capim como nós, minha mãe dizia. Fora as rezas da tia Jacinta, haja pólvora e vela pra eu passar no vestibular. Seu Isaías gostava nem de ouvir falar disso, era da igreja, mas vira e mexe chegava lá em casa cheio de livro que achava no lixo. Queria ajudar. Eu tava toda feliz nesse dia. Era minha primeira palestra, ia apresentar meu trabalho na universidade e fiz questão de levar mainha, os meninos e tia Jacinta comigo. Seu Isaías disse que não podia, porque não tinha roupa pra usar. Expliquei pra ele que o povo nem sapato botava, viviam de chinela, camiseta e calça rasgada, coisas da moda, sei lá. Mas ele ficou cabreiro. O título da minha fala era: Exu não é o Diabo. Estava ansiosa, passei meses e meses me debruçando sobre livros que contavam o

processo de vinda – forçada - do povo africano para as Américas. A violência da escravização dos nossos corpos e, principalmente, a demonização que as nossas práticas rituais e ancestrais sofreram no projeto de poder cristão, enfiado goela a baixo pelos nossos algozes. Expliquei que o Diabo não pertencia a construção de mundo dos nossos antepassados e foi introduzido nas nossas crenças para nos tornar criminosos. Eu falava, falava, ia ficando quente, empolgada, meus colegas me aplaudiam, minha mãe lacrimejava... Mas havia algo estranho com a tia, ela me fitava com uma expressão séria e, ao mesmo tempo, debochada. Aquilo me causou espanto. Quando acabei todos vieram me abraçar e me apoiar. Ela não. Virou as costas e foi caminhando para o jardim. Eu a segui. Interroguei: que foi tia? Numa voz grave, em meio a gargalhadas ela disse: É meu marido moça e eu chamo do que eu quiser. Exu não é o Diabo. E também é. Ninguém define o moço, ele pode ser como bem quer...

(Baseado em muitos fatos reais. Hoje mais cedo eu estava cuidando do assentamento de Dona Maria Molambo e lembrando disso. Herança de família pra mim é isso. Laroyê).

Em consonância com o conto de Dandara Suburbana, Rufino afirma que Exu é o que quiser, recusando qualquer normatividade que tentem lhe impor:

Exu é sempre aquele que está praticando as fronteiras, os cruzos, os vazios deixados, os entres. É nesse mesmo sentido que o signo se versa como possibilidade e imprevisibilidade, esfera impossível de ser apreendida, pois é múltipla e inacabada. É por isso que Exu serpenteia as barras do tempo, samba no fio da navalha e mora na casca da lima. Seu caráter é de ser o *múltiplo no uno* ou o um *multiplicado ao infinito*. Espreita-lo buscando uma síntese é um equívoco, dado que o mesmo precede essas concepções. Na imagética associada a ele, Exu tem a cabeça pontuda para que não carregue fardos sobre ela. Exu é o que quiser e o faz porque pode. (RUFINO, 2019: 45)

Reginaldo Prandi apresenta, de modo resumido, aspectos do orixá:

Para os antigos iorubás, os homens habitam a Terra, o Aiê, e os deuses orixás, o Orum. Mas muitos laços e obrigações ligam os dois mundos. Os homens alimentam continuamente os orixás, dividindo com eles sua comida e bebida, os vestem, adornam e cuidam de sua diversão. Os orixás são parte da família, são os remotos fundadores das linhagens cujas origens se perdem no passado mítico. Em troca dessas oferendas, os orixás protegem, ajudam e dão identidade aos seus descendentes humanos. Também os mortos ilustres merecem tal cuidado, e sua lembrança os mantém vivos no presente da coletividade, até que um dia possam renascer como um novo membro de sua mesma família. É essa a simples razão do sacrifício: alimentar a família toda, inclusive os mais ilustres e mais distantes ancestrais, alimentar os pais e mães que estão na origem de tudo, os deuses, numa reafirmação permanente de que nada se acaba e que nos laços comunitários estão amarrados, sem solução de continuidade, o presente da vida cotidiana e o passado relatado nos mitos, do

qual o presente é reiteração. As oferendas dos homens aos orixás devem ser transportadas até o mundo dos deuses. Exu tem este encargo, de transportador. Também é preciso saber se os orixás estão satisfeitos com a atenção a eles dispensada pelos seus descendentes, os seres humanos. Exu propicia essa comunicação, traz suas mensagens, é o mensageiro. É fundamental para a sobrevivência dos mortais receber as determinações e os conselhos que os orixás enviam ao Aiê. Exu é o portador das orientações e ordens, é o porta-voz dos deuses e entre os deuses. Exu faz a ponte entre este mundo e mundo dos orixás, especialmente nas consultas oraculares. Como os orixás interferem em tudo o que ocorre neste mundo, incluindo o cotidiano dos viventes e os fenômenos da própria natureza, nada acontece sem o trabalho de intermediário do mensageiro e transportador Exu. Nada se faz sem ele, nenhuma mudança, nem mesmo uma repetição. Sua presença está consignada até mesmo no primeiro ato da Criação: sem Exu, nada é possível. O poder de Exu, portanto, é incomensurável. Exu deve então receber os sacrifícios votivos, deve ser propiciado, sempre que algum orixá recebe oferenda, pois o sacrifício é o único mecanismo através do qual os humanos se dirigem aos orixás, e o sacrifício significa a reafirmação dos laços de lealdade, solidariedade e retribuição entre os habitantes do Aiê e os habitantes do Orum. Sempre que um orixá é interpelado, Exu também o é, pois a interpelação de todos se faz através dele. É preciso que ele receba oferenda, sem a qual a comunicação não se realiza. Por isso é costume dizer que Exu não trabalha sem pagamento, o que acabou por imputar-lhe, quando o ideal cristão do trabalho desinteressado da caridade se interpôs entre os santos católicos e os orixás, a imagem de mercenário, interesseiro e venal. Como mensageiro dos deuses, Exu tudo sabe, não há segredos para ele, tudo ele ouve e tudo ele transmite. E pode quase tudo, pois conhece todas as receitas, todas as fórmulas, todas as magias. Exu trabalha para todos, não faz distinção entre aqueles a quem deve prestar serviço por imposição de seu cargo, o que inclui todas as divindades, mais os antepassados e os humanos. Exu não pode ter preferência por este ou aquele. Mas talvez o que o distinga de todos os outros deuses é seu caráter de transformador: Exu é aquele que tem o poder de quebrar a tradição, pôr as regras em questão, romper a norma e promover a mudança. Não é pois de se estranhar que seja considerado perigoso e temido, posto que se trata daquele que é o próprio princípio do movimento, que tudo transforma, que não respeita limites e, assim, tudo o que contraria as normas sociais que regulam o cotidiano passa a ser atributo seu. Exu carrega qualificações morais e intelectuais próprias do responsável pela manutenção e funcionamento do status quo, inclusive representando o princípio da continuidade garantida pela sexualidade e reprodução humana, mas ao mesmo tempo ele é o inovador que fere as tradições, um ente portanto nada confiável, que se imagina, por conseguinte, ser dotado de caráter instável, duvidoso, interesseiro, turbulento e arrivista.

Exu é o patrono da cópula, que gera filhos e garante a continuidade do povo e a eternidade do homem. (PRANDI, 2001: 49-50)

O espaço físico que materializa essa multiplicidade de Exu é a encruzilhada. Um itan nos conta que Exu recebeu a encruzilhada de Oxalá, por ter sido fiel assistente do grande orixá enquanto este criava os seres humanos:

Exu ganhou o poder sobre as encruzilhadas após ficar 16 anos na casa de Oxalá. Antes disso, Exu perambulava pelo mundo sem trabalho, riquezas, ofícios ou preocupações. Exu então passou a ir na casa de Oxalá, onde observava o velho orixá nas suas atividades. Muitos iam até a casa de Oxalá, porém não permaneciam lá; Exu permaneceu. Observava Oxalá nas atividades de composição dos seres humanos, prestava atenção em tudo, e aprendeu todas as coisas do mundo. Certo dia, Oxalá ordenou que Exu se postasse na encruzilhada e por lá permanecesse vigiando aqueles que iam até a sua casa, porque ninguém poderia passar sem que trouxesse as devidas oferendas. Cada vez mais as pessoas iam e procuravam Oxalá em sua casa, Exu ajudava no recolhimento das ofertas. Como Exu aprendeu sobre tudo e ajudava sempre que necessário, Oxalá decidiu o recompensar. Assim, tudo que fosse ofertado a ele também deveria ser destinado ao seu ajudante. Exu tornou-se o guardião da casa de Oxalá erguendo sua morada exatamente na encruzilhada.

Obá Oritá Metá é o título de Exu que o compreende como o senhor da encruzilhada de três caminhos, os mesmos domínios estão presentes também na sua definição enquanto Igba Ketá, o senhor da terceira cabaça. Cada título dado a Exu abrange seus domínios e potências, caminhos, tidos como possibilidades de operação de seus poderes. Assim, cada título significa um vasto repertório de saberes e sentidos assentados no princípio cosmológico que é o orixá. Exu, como portador da terceira cabaça, é aquele que detém o poder sobre o acabamento, que guarda o mistério do que está por vir, da incerteza, da dúvida, da negação como potência de criação.

Como descrito no mito que exalta a sua façanha, ao optar pela terceira cabaça, negando a primeira e a segunda que lhe foram oferecidas, Exu opta pelos caminhos das confluências, das contaminações e da polifonia.⁸ Dessa forma, é ele que, como princípio operante sobre as dimensões de possibilidade e imprevisibilidade, recria o mundo pregando peças, nos desarranjos, desarmes, dribles, gingas, giros e negaças. É a criação que emerge do vazio, o terceiro elemento que, ao negar, cria, e, ao dizer, desdiz. Exu é a terceira cabaça que guarda as possibilidades de atravessamento e recriação do mundo. É ele o portador do conteúdo do que havia tanto na primeira, quanto na segunda, mas agora misturado em uma terceira. É, a rigor, a dimensão da ambivalência; a noção de '3' caracteriza-se como o que está sempre a surgir enquanto possibilidade. Assim, como a já apresentada noção de '+1'. A noção de Exu enquanto '+1' considera que ele está sempre a somar, ou seja, é também um princípio inacabado. (RUFINO, 2017: 93-4)

A encruzilhada é o lugar do entre, das escolhas, das possibilidades. Portanto, da impermanência. É para onde sempre se pode voltar quando um caminho é

⁸ O mito ao qual o autor se refere conta que, ao ser apresentado a duas cabaças para escolher uma que ampliasse seu poder, Exu optou por uma terceira cabaça, vazia, na qual misturou os conteúdos das outras duas, que grosseiramente podemos dizer que eram o bem e o mal.

interrompido ou frustrado. Luiz Rufino, em tese de doutorado intitulada *Exu e a Pedagogia das Encruzilhadas*, define encruzilhada como um conceito anti-colonial:

A encruzilhada é o principal conceito que fia e ata os pontos deste trabalho. A noção assente nas potências do orixá Exu transborda os limites de um mundo balizado em dicotomias. A tara por uma composição binária, que ordena toda e qualquer forma de existência, não dá conta da problemática dos seres paridos no entre. A dupla consciência, a existência pendular, a condição vacilante do ser é, a princípio, o efeito daquilo que se expressa a partir do fenômeno do cruzo. Assim, ato a provocação: aquilo que a agenda colonial buscou produzir como um sistema de controle da vida, a partir de uma ordem pautada nos binarismos, acarretando a redução das complexidades, imprevisibilidades e impossibilidades, é fragilmente salientado por uma leitura a partir da gramática poética das encruzilhadas. (RUFINO, 2017: 46)

Exu é o senhor de toda e qualquer forma de linguagem e comunicação, assim como também é o dono da encruzilhada. Além disso, Exu é quem vem primeiro e é sempre o primeiro a comer. Portanto, tratemos de dar de comer a Exu para que ele não nos engula. Já engolidos ou não, Exu nos tensiona para a reinvenção, nos cospe, nos restitui. Ele é o movimento, é transformação, recusando a inércia e o caminho que se pretende único. (RUFINO, 2019: 63)

Fator primordial, mantenedor e produtor das potências criativas, Exu é o princípio do princípio:

Ifá, testemunho do destino e senhor da sabedoria, nos ensina que Exu precede toda e qualquer criação. Assim, ele participa e integra tudo o que é criado, da mesma maneira que também está implicado em tudo aquilo que virá a ser destruído e o que ainda está por vir. É ele o princípio dinâmico que cruza todos os acontecimentos e coisas, uma vez que sem ele não há movimento. Exu é compulsório a todos os seres e forças cósmicas. É ele a divindade mais próxima daqueles classificados como humanos, é o dono do nosso corpo e de suas potências, é o princípio comunicativo entre os seres, as divindades e os ancestrais. Exu é a substância que fundamenta as existências; é a linguagem como um todo. É o pulsar dos mundos, senhor de todas as possibilidades, uma esfera incontrolável, inapreensível e inacabada. (RUFINO, 2019: 23)

Exu opera na simultaneidade das temporalidades entrecruzadas. Passado, presente e futuro não existem. Essa temporalidade de Exu é, como veremos mais adiante, similar a do inconsciente, tal como Jung a apresenta. Princípio espiralado do tempo e das existências, como diria Leda Maria Martins. (MARTINS, 2021) Por isso ele nasce antes dos pais, ele acerta um pássaro ontem com a pedra que atirou hoje, é o

orixá mais novo e mais velho ao mesmo tempo. Exu sequer foi criado, porque ele criou a criação, que mantém e destrói em permanente movimento:

O verso de um oríki narra que Exu foi a primeira estrela criada. Em um dos poemas de Ifá conta-se que nem mesmo criado ele foi, uma vez que ele é a força que precede toda e qualquer forma de invenção. O menino guardião da porteira de Olofin nasceu antes mesmo que a própria mãe e, ao ser picotado ao infinito por seu pai, dinamizou as existências vomitando o mundo que engoliu. Do adormecer à inquietação da vontade é assim, Elegbara serpenteia na espiral do tempo praticando suas estripulias, transformando a escassez em fartura, a certeza em dúvida e o ponto primeiro em tom do acabamento. Exu, meus camaradinhas, não carrega fardos, ele é o poema que enigmatiza a vida. (RUFINO, 2019: 33)

O orixá aqui referido é o movimento em sua radicalidade e plenitude, é o cosmo em contínua expansão, são as bilhões de estrelas que rodopiam nas espirais do tempo. Os movimentos da Terra e de outros corpos celestes em torno do Sol, os dias, noites e marés. O movimento em si é a expressão da própria matéria construtora das existências. O movimento é Exu. (RUFINO, 2019: 33)

Pensar Exu como princípio epistemológico, produtor de saberes é também assumir uma postura ética de responsabilidade diante do mundo. O relativismo de tal princípio, que recusa dicotomias e pontos de vista absolutos, acrescentando sempre o +1, a terceira cabaça, não se confunde com uma lógica agonística, aleatória, sem fundamento. Para tudo há tempo e contexto:

Exu, como portador do axé de Olorun, é também o fiscalizador da ordem das existências. Ele pratica e ordem fazendo desordem, é o caos criativo, o princípio dinâmico de tudo que é criado e do que está por vir. Assim, o seu caráter enquanto fiscalizador está diretamente implicado naquilo que concebemos como uma ética responsiva. (RUFINO, 2019: 71)

Jung na encruzilhada

Um caminho para estabelecer o diálogo entre o que estamos denominando princípio Exu e a psicologia junguiana é analisar os itans, narrativas sagradas da cosmogonia iorubá. Tal acervo permite aproximação com as complexidades de Exu e, de acordo com a hipótese que desenvolvo aqui, ilumina proposições de Jung acerca da dinâmica da psique.

Segundo Edmilson Pereira, os itans permitem compreender a atuação de Exu no mundo e, com isso, sua presença na vida de cada indivíduo e também nas coletividades humanas:

No acervo literário referente aos orixás, a presença de Exu é determinante para compreendermos a lógica da destruição e da reconstrução que sustenta a cosmogonia iorubá. Recordamos que uma das narrativas sagradas revela que o mundo surgiu do regurgito de Exu. Essa narrativa mostra que o mundo adquire um novo significado após a sua destruição já que, graças ao acordo estabelecido entre Orumilá e seu filho Exu, este se torna responsável por restituir tudo e todos que ele devorou. Ao fazê-lo, Exu procede à reinauguração do mundo e de tudo e de todos que nele existem (AUGRAS, 2008: 92). Como ressalta Juana Elbein dos Santos (1976: 162), as narrativas explicam como Exu “se reproduziu e diversificou no mundo inteiro”, razão pela qual “cada indivíduo está constituído, acompanhando por seu Èsú individual, elemento que permitiu seu nascimento, desenvolvimento ulterior e multiplicação (...)” (PEREIRA, 2017: 105-6)

Para Liana Trindade, essa integração da entidade Exu à vida pessoal e à vida social se deve ao fato de

(...) conter, nela mesma, o princípio, segundo a concepção africana, da dinâmica social e da personalidade.

O discurso africano forneceria a linguagem que interpreta as mudanças e contradições da sociedade brasileira contemporânea e os conflitos sociais dos seus membros.

Exu é a expressão de um simbolismo, cujo sentido se encontra não apenas na estrutura do imaginário como na do real. Expressa simbolicamente as incertezas humanas frente aos debates com as condições sociais estabelecidas, a afirmação de liberdade e autonomia do ser humano frente às imposições naturais e sociais. (apud PEREIRA, 2017: 106)

A manifestação das alteridades por meio desse orixá tem especial importância para a psicologia junguiana. Segundo Jung, a problemática dos opostos é o que a psique tem de mais profundamente próprio:

A estrutura da psique é, de fato, tão contraditória ou contrapontística, que não deve existir constatação psicológica ou proposição genérica alguma, que não nos obrigue imediatamente a fazer também a afirmação do seu oposto. (JUNG, 1985: 74)

A questão é que o que podemos chamar de modo muito genérico de modernidade ocidental se ergueu sobre princípios racionais que tendem a eliminar

contradições, compreendidas como problemas ou mesmo falhas lógicas. Binarismos e oposições irreduzíveis organizam visões de mundo, modos de governar, relações sociais e subjetividades. A razão colonial, ao instituir uma humanidade separada e hierarquizada a partir de critérios raciais, é um exemplo disso. Para Jung esse processo histórico, no qual o cristianismo tem um papel fundamental, produz uma tendência à unilateralidade da consciência, jogando para a sombra aspectos não valorizados da personalidade. A ideia cristã, baseada em Santo Agostinho, do mal como *privatio bono* menospreza a força psíquica do mal e é mais um elemento que contribui para a unilateralidade da consciência. O problema, para Jung, é que essa disposição histórico-cultural cinde os sujeitos contemporâneos, desconectando consciência e inconsciente e dificultando o processo de individuação.

Um dos itans protagonizados por Exu que escolhemos analisar aqui alerta para os perigos da unilateralidade na compreensão do mundo e das relações humanas. Eis a narrativa:

Exu leva dois amigos a uma luta de morte

Dois camponeses amigos puseram-se bem cedo
a trabalhar em suas roças,
mas um e outro deixaram de louvar Exu.
Exu, que sempre lhes havia dado chuva e boas colheitas!
Exu ficou furioso.
Usando um boné pontudo,
de um lado branco e do outro vermelho,
Exu caminhou na divisa das roças,
tendo um à sua direita
e o outro à sua esquerda.
Passou entre os dois amigos
e os cumprimentou enfaticamente.
Os camponeses entreolharam-se. Quem era o desconhecido?
“Quem é o estrangeiro de barrete branco?”, perguntou um.
“Quem é o desconhecido de barrete vermelho?”, questionou o outro.
“O barrete era branco, branco”, frisou um.
“Não, o barrete era vermelho”, garantiu o outro.
Branco. Vermelho. Branco. Vermelho.
Para um, o desconhecido usava um boné branco,
para o outro, um boné vermelho.
Começaram a discutir sobre a cor do barrete.
Branco.
Vermelho.
Branco.
Vermelho.
Terminaram brigando a golpes de enxada,

mataram-se mutuamente.
Exu cantava e dançava.
Exu estava vingado. (PRANDI, 2001: 48-9)

A vingança de Exu contra os amigos que esqueceram de louvá-lo não é concretizada por meio de recursos sobrenaturais. Os amigos são punidos pela sua própria incapacidade de ver a realidade para além de uma parcialidade binária. Para eles, o barrete só poderia ser branco OU vermelho e não branco E vermelho. Ambos se aferram a suas verdades parciais e, enquanto tais, falsas e travam uma luta de morte. Podemos ler, a partir de Jung, essa narrativa como uma metáfora para o embate entre a unilateralidade da consciência e o inconsciente que a desafia. O psiquiatra suíço argumenta que consciência e inconsciente possuem uma relação compensatória. Assim, quanto mais unilateral a consciência, mais o inconsciente caminha na direção contrária, criando uma cisão que pode propiciar a emergência de forças psíquicas incontroláveis e destrutivas. Luiz Rufino faz um comentário sobre esse itan que contribui para a aproximação que buscamos aqui:

Qual é a cor da carapuça que veste Exu? (Gargalha...) Qualquer uma que ele queira. Exu pode ser o que quiser, manifesta-se como bem entender, é um princípio incontrolável. (RUFINO, 2019: 127)

Assim como o inconsciente para Jung, Exu é princípio incontrolável. Integrar consciência e inconsciente requer um trabalho psíquico que se inicia pelo reconhecimento que essa força desconhecida existe na psique. O equivalente a alimentar Exu em primeiro lugar é, no processo de individuação, olhar para a sombra e entender que ela faz parte de nós, que somos seres contraditórios, imperfeitos, inacabados e múltiplos. Compreender isso em Nós é também permitir uma visão mais compreensiva das contradições do Outro. Como consequência, adotamos uma perspectiva mais complexa sobre o mundo, em particular sobre as relações humanas.

Exu, assim como o inconsciente tal como Jung o caracteriza,

é aquele que, para ensinar os homens, prega peças, desautoriza todos aqueles que se acomodam sobre a presunção de uma verdade limitadamente acabada. É ele o princípio da imprevisibilidade que utiliza da astúcia da aparência, o correlacionando ao sentido de realidade. É ele que pune qualquer forma de obsessão pela certeza, instaurando a dúvida, (RUFINO, 2019: 53)

Segundo Jung, a unilateralidade é uma característica inevitável e necessária para a consciência. O inconsciente atua como uma força de oposição, de forma a compensar essa unilateralidade da consciência. Mas se essa unilateralidade for demasiado grande, a tensão entre os opostos aumenta e a tendência oposta irrompe na consciência. Ele dá como exemplos os deslizamentos de linguagem quando há um forte empenho consciente em dizer coisas apropriadas. Quanto mais afastado de seu inconsciente, mais o sujeito está suscetível a tais erupções de efeitos desagradáveis. A vida do inconsciente segue seu caminho e produz de modo contínuo situações problemáticas. (JUNG, 2013)

Superar esse estado de coisas requer que a separação dicotômica entre a consciência e o inconsciente seja suprimida. Para isso não se pode condenar unilateralmente os conteúdos do inconsciente, mas sim reconhecendo a sua importância compensatória para a consciência. Por meio da função transcendente tornar-se possível uma transformação da atitude consciente sem a desconsideração do inconsciente. Os conteúdos inconscientes precisam complementar os da consciência. Os indivíduos que menos conhecem seu lado inconsciente são os que mais recebem sua influência, sem se aperceberem disso. Para evitar tais intromissões secretas e indesejáveis dos conteúdos inconscientes em nossas ações, procuram-se maneiras de tornar conscientes tais conteúdos. Em suma, quanto menor a dissociação entre a vida consciente e a vida inconsciente, mais os indivíduos conseguem realizar os propósitos do Self, do aspecto mais profundo de sua psique. (JUNG, 2013)

Esta não é uma realização fácil, mas objeto de um trabalho permanente no processo de individuação. A função transcendente exige a compreensão/elaboração das mensagens cifradas do inconsciente e confrontação entre o ego, centro da consciência, e o inconsciente. A aproximação desses opostos possibilita o surgimento do terceiro elemento, o *tertium*, que é a função transcendente. (JUNG, 2013). Sua materialização por meio de símbolos capazes de integrar contradições sem reduzi-las a um termo e sem reinstaurar novas dicotomias, assumindo assim tal conflito como parte da dinâmica psíquica. Nos termos de Jung,

O alternar-se de argumentos e de afetos forma a função transcendente dos opostos. A confrontação entre as posições contrárias gera uma tensão carregada de energia que produz algo de vivo, um terceiro elemento que não é um aborto lógico, consoante o princípio: *tertium non datur* (não há um terceiro integrante), mas um deslocamento a partir da suspensão entre os opostos e que leva a um novo nível de ser, a uma nova situação. A função transcendente

aparece como uma das propriedades características dos opostos aproximados. Enquanto estes são mantidos afastados um do outro – evidentemente para se evitar conflitos – eles não funcionam e continuam inertes. (JUNG, 2013: 37)

A evitação do confronto com o inconsciente favorece a constelação de complexos, modificando de modo momentâneo a personalidade do sujeito, produzindo um fenômeno similar à possessão. Jung compara os complexos a diabretes ou duendes que se apossam dos indivíduos com tanto mais força quanto menos conscientes forem. Nas palavras do psiquiatra suíço,

(...) os complexos se comportam como os diabretes cartesianos e parecem comprazer-se com as travessuras dos duendes. Põem-se em nossos lábios justamente a palavra errada; fazem-nos esquecer o nome da pessoa que estamos para apresentar; provocam-nos uma necessidade invencível de tossir, precisamente no momento em que estamos no mais belo pianíssimo do concerto; fazem tropeçar ruidosamente na cadeira o retardatário que quer passar despercebido; num enterro, mandam-nos congratular-nos com os parentes enlutados, em vez de apresentar-lhes condolências; são os autores daquelas maldades que F. Th. Vischer atribuía aos *objetos inocentes*. São os personagens de nossos sonhos diante dos quais nada podemos fazer; são os seres *élficos*, tão bem caracterizados no folclore dinamarquês, pela história do pastor que tentou ensinar o Pai-nosso a dois elfos. Fizeram o maior esforço para repetir com exatidão as palavras ensinadas, mas, já na primeira frase, não puderam deixar de dizer: “Pai nosso, que *não* está no céu”. Como era de esperar, por razões teóricas, mostraram-se ineducáveis. (JUNG, 2013: 44-5)

Essas reações que Jung atribui ao inconsciente são também típicas de Exu, quando ele interfere na vida das pessoas, exigindo reconhecimento e alimento. De nada adianta temer e evitar Exu, assim como temer os complexos apenas afasta a consciência do inconsciente, dificultando a produção da função transcendente. Por mais assustadores que pareçam os complexos para a consciência, Jung afirma que eles são manifestações normais da vida. Para ele,

O temor do complexo é um preconceito fortíssimo, pois o medo supersticioso do que é desfavorável sobreviveu intocado pelo nosso decantado Iluminismo. Este medo provoca violenta resistência quando investigamos os complexos, e é necessária alguma decisão para vencê-lo. O temor e a resistência são os marcos indicadores que balizam a via régia em direção do inconsciente. (JUNG, 2013: 49)

Outro itan traz esse princípio da relatividade exusíaca que borra as limites entre bem e mal, certo e errado, confrontando a tendência à rigidez binária da moral

cristã hegemônica no Ocidente. E articula essa relatividade às palavras que lançamos no mundo e que podem ser compatíveis ou não com nossas intenções conscientes.

A pior coisa do mundo

Quando Obatalá chegou neste mundo, nada conhecia sobre ele e tinha curiosidade de saber de todas as coisas.

Foi por este motivo que um dia pediu a Exu, que era seu empregado, que lhe servisse no almoço aquilo que houvesse de melhor sobre a face da Terra.

Exu, então, foi ao mercado e ali comprou uma língua bovina que, com as próprias mãos, limpou, temperou e, depois de assar, serviu a Obatalá.

Finda a refeição, muito agradecido, Obatalá disse a Exu:

- O prato que me serviste é realmente delicioso; jamais, em minha vida, experimentei algo tão bom!
- Envaideciro, Exu retrucou:
- Realmente, a melhor coisa do mundo é a língua!
- Quero agora, amigo Exu, que me sirvas a pior coisa que possa existir neste mundo – pediu o Orixá Funfun.

No dia seguinte, Exu foi novamente ao mercado, de onde retornou com mais uma língua bovina. Novamente preparou-a da mesma forma que a anterior e serviu-a a seu amo.

Depois de comer, Obatalá repreendeu Exu:

- Quer me parecer que não entendeste bem o meu pedido. Ontem me serviste uma língua como sendo a melhor coisa do mundo, comi e gostei, aprovando inteiramente a tua escolha. Em seguida te pedi que me servisses, hoje, a pior coisa do mundo e, mais uma vez, me serves língua. O sabor é exatamente o mesmo da que me foi servida ontem e gostaria de saber como pode uma coisa ser, ao mesmo tempo, a melhor e a pior coisa do mundo. Ou será que se trata de mais uma de tuas brincadeiras?
- Não, Grande Orixá, não se trata de nenhuma brincadeira. Jamais agi com tanta seriedade e segurança! – assegurou Exu.
- Explica-me então o que pretendes pois, confesso, não consigo entender onde queres chegar – replicou o Orixá funfun.

Com ar sério, Exu começou a explicar:

- A língua é, sem dúvida, a melhor coisa do mundo e, contraditoriamente, pode ser a mais perigosa e ruim de todas.

Quando é usada para coisas boas tais como abençoar, fazer preces em louvor aos Orixás, orientar corretamente, cantar a boa música, recitar poesias, falar de amor e ensinar os bons costumes é, então, a melhor coisa do mundo.

Quando, ao contrário, é utilizada para caluniar, amaldiçoar, mentir, fomentar a discórdia e a guerra, torna-se letal. É a pior de todas as invenções de nosso pai Olodumare e melhor seria que nunca tivesse existido.

Tudo depende da forma como é usada por seu dono, para que possa ser classificada como a melhor ou a pior coisa do mundo.

E foi então que Obatalá, compreendendo o ensinamento que lhe era dado por Exu, nunca mais aceitou língua em suas refeições. (MARTINS, 2011: 37-8)

Nesse itan há a referência à comunicação e ao uso da palavra, domínios de Exu. Um aforismo de terreiro diz que Exu tira e coloca palavra na boca. Os significados e implicações dessas palavras dependem da relação, do contexto, operando a partir de uma ética responsiva que traz para o sujeito a responsabilidade sobre suas palavras-ato. Assim como bem e mal são relativos e situacionais, o bom ou mau uso das palavras dependem das relações em que elas são engendradas. Destarte, a língua pode encantar ou desencantar, abençoar ou amaldiçoar, criar e destruir. A palavra é matéria-prima fundamental da terapia no caminho (ou nos caminhos) junguiano, sendo necessária a lição de Exu para atentarmos para suas ambiguidades e múltiplas possibilidades simbólicas para além dos significados literais.

Para continuar a trazer Jung para as encruzilhadas de Exu, gostaria de comentar um último itan. Eis a narrativa:

O galo preto

Exu andava pelo mundo em busca de novidades. Vivia entediado e a falta de criatividade dos seres vivos o deixava profundamente irritado.

- Tudo sempre igual... – pensava com seus botões. - ...Ninguém inventa ou modifica nada. Que tédio!

Assim, observou que a noite se aproximava e, junto dela, a ameaça de uma tempestade. Resolveu, então, buscar abrigo numa casa à beira da estrada.

Batendo à porta, foi recebido por um animal peludo ao qual perguntou:

- Como te chamas?
- Macaco!
- E teu pai, como é chamado?
- Macaco!
- Tua mãe?
- Macaca!
- Teus irmãos?
- Todos, Macacos!

Exu virou as costas e afastou-se sem dizer mais nada. Não iria passar a noite numa casa onde todos os habitantes tinham o mesmíssimo nome, o que, para ele, representava a mais absoluta prova de falta de imaginação. E Exu jamais gostou de gente ou animal obtuso.

Logo adiante encontrou outra casa e, batendo à porta, foi recebido por outro animal.

- Boa tarde! Ando em busca de abrigo para proteger-me da tempestade que se aproxima, mas antes preciso saber o teu nome – disse Exu cheio de autoridade.
 - Eu me chamo Elefante – respondeu o morador.
 - E teu pai? – perguntou o visitante.
 - Elefante, com eu!
 - Tua mãe?
 - Elefante também!
 - Teus irmãos?
 - São em número de três e chamam-se Elefante, Elefante e Elefante.
 - Ora, bolas! – resmungou Exu enquanto se afastava sem se despedir.
- Mais alguns passos e Exu encontrou outra casa, onde foi recebido por uma pequena ave de plumagem inteiramente negra.
- Olá! Sou Exu e ando em busca de abrigo, mas, antes de tudo, preciso saber teu nome.
 - - Me chamam Galo Preto! – respondeu o morador.
 - E tua mulher?
 - Galinha.
 - Teus filhos?
 - Isto depende de suas idades – explicou o dono da casa. – Os mais velhos são frangos e frangas, os mais novos são pintos e os menores são chamados pintinhos!
- Encantado com a resposta, Exu resolveu pernoitar naquela casa e graças a este fato adquiriu grande admiração pelo galo preto, que, ainda hoje, considera o seu animal favorito. (MARTINS, 2011: 31-33)

O encanto de Exu pelo ser criativo se dá porque criatividade é movimento, é invenção de caminho, é possibilidade de arrancar alegria ao cotidiano, é o que sustenta a vida. Jung define o que poderíamos chamar de impulso criativo como algo que, além de terapêutico, é basal na psique humana, necessitando ser canalizado para realizações significativas para o indivíduo, condição para o processo de individuação. Realizar-se no mundo e para o mundo é dar passagem a esse impulso criativo, uma das manifestações de Eros em nossas vidas. Sobre a importância de usar o poder criativo, Von Franz afirma:

(...) se alguém não vive sua possibilidade interior, se torna destrutivo. É por isso que Jung também diz que, igualmente, uma das forças destrutivas mais cruéis, psicologicamente falando, é o poder criativo não usado. (...) Se alguém possui um dom criativo e, por preguiça, ou algum outra razão, não o utiliza, essa energia psíquica vira puro veneno. (VON FRANZ, 2020: 261)

O galo preto encanta Exu pela criatividade em nomear diferentes existências, substituindo a monótona nomeação que uniformiza os animais de uma mesma família pela exaltação da diferença entre eles. O poder criativo singulariza os indivíduos, é a nossa marca no mundo, nossa expressão única e intransferível. Ele transforma o que está dado, apontando para as possibilidades, para o inacabamento das coisas, para a mudança como algo permanente. Um dos sintomas que aparecem com frequência nos relatos dos pacientes de Jung é a sensação de estagnação. Criar, seja o que for que a alma solicite, é fundamental para superar esse estado de paralisia que gera sofrimento e incômodo.

O galo preto oferecido na encruzilhada agrada Exu. O fluxo criativo liberto alivia as pressões do inconsciente sobre a consciência e permite maior integração de nossas forças psíquicas. Encruzilhar consciência e inconsciente é ler Jung a partir de Exu:

(...) a encruzilhada é o lugar onde se engole de um jeito para cuspir de maneira transformada. (RUFINO, 2019: 69)

A encruzilhada pode ser símbolo dessas possibilidades amplificadas do ser liberto da literalidade, da unilateralidade da consciência, dos binarismos e dicotomias, dos bloqueios criativos e do medo das potencialidades do inconsciente. Quando Luiz Rufino fala da arte do cruzo, compreendo como um modo de entender a arte de viver baseada no desenvolvimento da função transcendente, objetivo do processo de individuação:

A arte do *cruzo* só pode vir a ser praticada a partir de uma invocação e motivação exusíaca. O *cruzo* é a arte da rasura, das desautorizações, das transgressões necessárias, da resiliência, das possibilidades, das reinvenções e transformações. O *cruzo*, como perspectiva teórico-metodológica, dá o tom do caráter dinâmico, inventivo e inacabado de Exu. A encruzilhada, símbolo pluriversal, atravessa todo e qualquer conhecimento que se reivindica como único. Os saberes, nas mais diferentes formas, ao se cruzarem, ressaltam as zonas fronteiriças, tempos/espacos de encontros e atravessamentos interculturais que destacam saberes múltiplos e tão vastos e inacabados quanto as experiências humanas. (RUFINO, 2019: 86)

Seguimos com Rufino para aprofundarmos o mergulho na encruzilhada:

A encruzilhada é o principal conceito assente nas potências do orixá Exu, que transgride os limites de um mundo balizado em dicotomias. A tara por uma composição binária, que ordena toda e qualquer forma de existência, não dá conta da problemática dos seres paridos no *entre*. A existência pendular, a condição vacilante do ser é, a princípio, o efeito daquilo que se expressa a partir do fenômeno do *cruzo*. Assim, ato a provocação: aquilo que a agenda colonial buscou produzir como um sistema de controle da vida, a partir de uma ordem pautada nos binarismos, acarretando a redução das complexidades, é fragilmente salientado por uma leitura a partir da gramática poética das encruzilhadas. (RUFINO, 2019: 17)

Encruzilhar não é definir, colocar ponto final, resolver, curar. É abrir chances de entendimento e ação. É ampliar, verbo de que Jung tanto gostava. Em inúmeros textos, Jung ressaltava que a terapia, tal como ele a compreendia, não tinha a felicidade como objetivo. Às vezes ocorre até mesmo o contrário, pois a busca pela integralidade do ser é também um despertar para as dores coletivas do mundo. Mas a terapia pode ajudar-nos a conquistar uma existência com propósito e, portanto, mais plena. Se cura for compreendida como encerramento das dores ou fechamento das nossas feridas, ela nunca será completa. Como doutora Nise da Silveira alertava: “Não se curem além da conta. Gente curada demais é gente chata.”

Nessa encruzilhada, seguimos mais uma vez com Rufino, perguntando, afinal, se o que Jung chama de inconsciente não é um dos nomes de Exu:

Exu se configura como a divindade mais próxima de nós, encarnado em todos os momentos de nossas existências, desde o grito do recém-nascido ao último suspiro de morte. Já diria o sábio conhecedor do riscado: “Exu é o primeiro na vida e na morte.” Mesmo interpenetrado em todas as instâncias da existência dos homens e se aproximando ao máximo do caráter humano, ele ri de nossas limitações, anseios, zomba daqueles que enveredam pelas obsessões de grandeza e certeza. Exu nos faz sentar no vazio, esculhamba nossas pretensiosas verdades. Constrói ao destruir. No jogo sincopado o que nos espreita é a queda. Não à toa, é ele o princípio da imprevisibilidade. Assim, o que há de emergir no vazio sincopado? Exu nos sopra: reinvente-se, crie. Haverá sempre uma possibilidade. (RUFINO, 2019: 127-8)

Reconhecer as possibilidades na reinvenção de si não seria uma de nossas buscas, analistas e analisandos, nas nossas relações terapêuticas?

Corre gira: possibilidades para uma terapia exusíaca

Nesse cruzo ExuJung, podemos perguntar: Como trazer Exu para o setting terapêutico? Não me refiro aqui a uma perspectiva religiosa, mas sim, como discutido acima, um princípio, epistemológico e existencial, que oriente práticas terapêuticas. Não se trata de uma tarefa fácil, pois nossa psique é formada e conformada a uma matriz cultural cristã hegemônica e muito poderosa. Nossa psique é cindida e tem dificuldades em lidar com ambiguidades e paradoxos, como diz Sanford:

A ruptura na psique é exacerbada na consciência cristã pela dificuldade em lidar com a sombra, com os paradoxos, com o que não se reduz a binarismos. (SANFORD, 1988: 145)

Uma das possibilidades que se apresentam e com a qual tenho trabalhado, é a leitura de itans de Exu. Essas leituras ajudam a desenvolver outros modos de encarar situações que se apresentam como sem saída. O desconcerto, a criatividade, o inusitado que aparecem nessas histórias deslocam modos de ver a realidade, desequilibram certezas, suscitam reflexões do tipo “mas e se...”, construindo alternativas. Essas leituras podem ser desdobradas em imagens ou na produção de outras narrativas em que a protagonista é a própria analisanda. Assim, o símbolo da encruzilhada como multiplicidade de caminhos pode ser trazido para a psicoterapia:

A noção de encruzilhada emerge como disponibilidade para novos rumos, poética, campo de possibilidades, prática de invenção e afirmação da vida, perspectiva transgressiva à escassez, ao desencantamento e à monologização do mundo. A encruza emerge como a potência que nos possibilita estripulias. Nesse sentido, miremos a descolonização. Certa vez, uma preta velha me soprou ao ouvido: “Meu filho, se nessa vida há demanda, há também vence demanda”. (RUFINO, 2019: 13)

Vencer demandas é reinventar a vida, pois “A encruzilhada é onde se destroem as certezas, é, por excelência, o lugar das frestas e das possibilidades.” (RUFINO, 2019: 108) Estimular a fantasia criativa é permitir que conteúdos psíquicos da esfera do inconsciente penetrem no consciente, multiplicando caminhos para expressões de si. (JUNG, 1985: 32) Movimento que Jung via como libertador:

O poder da imaginação, com sua atividade criativa, liberta o homem da prisão da sua pequenez, do ser “só isso”, e o eleva ao estado lúdico. O homem, como diz SCHILLER, “só é totalmente homem, quando brinca”. (JUNG, 1985: 43)

Essa dimensão lúdica a que Jung se refere, inspirada na educação estética tal como proposta por Friedrich Schiller no século XVIII, é profundamente desestabilizadora de uma racionalidade iluminista. No setting terapêutico, o ato de contar histórias para pessoas adultas por si só já produz um interessante efeito de estranhamento. Quando essas histórias bagunçam, ou esculhambam como prefere Rufino, a moral cristã, a razão iluminista, a lógica cartesiana, trazendo gingas, dribles, traquinagens, sínopes esse efeito é ainda mais intenso. É no estranhamento, e muitas vezes no riso, que a brecha se instaura e possibilidades criativas se apresentam. Não nos referimos aqui ao encontro de uma solução para um problema, mas sim ao ato de colocar esse problema sob novas perspectivas, que podem resultar em ressignificações importantes para o processo de individuação, sempre aberto e inacabado, como os caminhos de Exu:

A célebre expressão “Exu dá caminho”, comumente circulada nos terreiros, revela o caráter dinâmico, criativo e inacabado do signo. Assim, dar caminho não é necessariamente apontar o trajeto, mas potencializar/praticar as possibilidades. A noção de caminho é ambivalente como Exu. (RUFINO, 2019: 109)

Essa ambivalência não permite apontar o “caminho certo”, mas sim pensar que toda trajetória pode ganhar novos significados. É possível ler e reler as histórias de vida de cada um a partir de novos sentidos construídos no presente, através do trabalho terapêutico, e com isso reinventar futuros. As possibilidades (re)significativas da/na ambivalência podem ser ilustradas pela relação cruz/encruzilhada analisada por Rufino:

A encruzilhada é ambivalente, não define lado, é o palco de todos os tempos e das possibilidades. Nela se acende a vela – e se vela a vida – acompanhada de marafo. Nas travessias, nos caminhos feitos, nas palavras trocadas de boca em boca, nos gestos e imagens que compõem a vida comum, os seres reinventam a vida em encruzilhadas. O projeto colonial fez da cruz a sua égide, o cotidiano colonial fez da encruzilhada o campo de possibilidades e mandingas, a reinvenção da vida, a morada primordial de Exu. (RUFINO, 2019: 39)

Lidar com essas ambivalências da psique, e da vida, pressupõe reconhecer que há forças operando em nós que não controlamos, ainda que elas sejam parte de nós. Esse reconhecimento é início da superação da cisão consciência/inconsciente. Zacharias o compara ao cuidado observado nos rituais religiosos de matriz afro-brasileira em dar de comer a Exu antes de qualquer outra ação:

Exu participa tanto das forças progressivas quanto regressivas da psique. Se, nos rituais de matriz afro-brasileira Exu deve sempre comer primeiro para que tudo corra bem, reconhecer que a psique tem um dinamismo próprio, que pode ser destrutivo e regressivo, nos protege dos desastres causados pelo nosso próprio inconsciente. (ZACHARIAS, 2019: 25)

Podemos desdobrar esse argumento com o auxílio de Marie-Louise Von Franz:

Se o ego pudesse se relacionar diretamente com o *Self* ou com um símbolo unificador, o conflito se resolveria e o ego funcionaria outra vez em sua totalidade. Este é o modo normal dos opostos funcionarem, e o impulso principal é mais uma vez o fluxo da vida, sendo que o ego acompanha ou serve a esse fluxo proveniente da totalidade. Na verdade, o conflito nunca é realmente resolvido, mas a emoção investida nele diminui; é superado pelo sofrimento e absorvido por uma nova forma de vida, quando então pode ser encarado novamente sem paixão, de um ângulo diferente. (VON FRANZ, 2020: 55)

E ainda:

(...) uma relação renovada e saudável com as dualidades do inconsciente faz com que os processos vitais possam novamente fluir. (VON FRANZ, 2020: 70)

O trabalho terapêutico com o rico acervo dos itans de Exu pode auxiliar, portanto, a construir modos mais complexos de ver o mundo e de se ver no mundo, capazes de desestabilizar certezas, relativizar princípios morais rígidos, questionar regras e padrões socialmente estabelecidos, desconstruir verdades absolutas. E isso tanto para analisandos quanto para terapeutas, pois escutar o outro, recebê-lo em alma, exige duvidar de nossas certezas e uma postura de humildade (nos termos de Jung) diante do desconhecido. É no encantamento da dúvida que Exu ensina:

(Gargalha...). Vadeia, Exu, nas asas do vento, nos redemoinhos da existência, nos entroncamentos da vida e no perder de vista. Uma de suas traquinagens prediletas se dá no encantamento da dúvida. Como ele brinca e se diverte com a nossa obsessão pelos esclarecimentos, pela verdade... e porque ri da fragilidade desses nossos regimes, opera nos vazios deixados por nossos próprios discursos. Exu, longe de ser a palavra que salva, é a que encanta. Quando nos dá mais linha, é porque nos amarrará de outra maneira, cama de gato, criança, jogo, enigma, encanto, segredo, sedução – esta é a sua lógica. Senhor das astúcias, dos escapes, das esquivas, das antidisciplinas, da peça, da síncope, das rasuras, do viés, sucateios, festas e frestas. Inventa e recria mundos nos lampejos das imprevisibilidades cotidianas. (RUFINO, 2019: 35)

Sem esse trabalho psíquico, não é possível suprimir a desunião com o inconsciente por meio do estabelecimento da função transcendente. E, para Jung, este deveria ser o objetivo de todo processo de individuação:

Quando conseguimos estabelecer a denominada função transcendente, suprime-se a desunião com o inconsciente e então o seu lado favorável nos sorri. A partir desse momento, o inconsciente nos dá todo o apoio e estímulo que uma natureza bondosa pode dar ao homem em generosa abundância. O inconsciente encerra possibilidades inacessíveis ao consciente, pois dispõe de todos os conteúdos subliminais (que estão no limiar da consciência), de tudo quanto foi esquecido, tudo o que passou despercebido, além de contar com a sabedoria da experiência de incontáveis milênios, depositadas em suas estruturas arquetípicas. (JUNG, 2014b: 128)

Nas leituras brincantes que Exu proporciona no setting terapêutico, está o convite à liberdade da experimentação:

(...) aprender com Exu é não restringir a experiência de construção de sentido a esta ou àquela possibilidade, mas a muitas possibilidades, inclusive aquelas que o sonar de nossa linguagem ainda não detectou. Exu é, simultaneamente, o que está feito e o devir de todos os afazeres. Por isso, cientes de sua dinâmica, precisamos nos esforçar para apreendermos o que há de significativo nas poéticas estabelecidas (e, diríamos de certo modo, catalogadas pelo nosso esquema de expectativas) e o que sequer imaginamos constituir-se como uma poética em potencial (e, podemos acrescentar, uma poética da liberdade de experimentação). (PEREIRA, 2017: 148-9)

Para encerrar esta parte, um último comentário sobre a questão do riso e da alegria suscitados pelas histórias de Exu. É comum que a contação desses itans envolva tanto desconcerto quanto risos, ou mesmo gargalhadas, em quem as escuta. As traquinagens de Exu, ainda que acabem em morte, trazem um humor relativizador,

similar ao que Mikhail Bakhtin identifica no riso carnavalesco. Para Bakhtin, esse riso é subversivo, pois inverte hierarquias sociais, desacredita discursos oficiais e traz o corpo, sobretudo o baixo corporal, para o centro da praça pública e da cosmovisão popular. (BAKHTIN, 1993) O riso suscitado por Exu me parece ser da mesma natureza, um impulso vital, uma pulsão de vida que Nise da Silveira associa ao poder de agir. Em sua IV carta a Espinoza, a psiquiatra rebelde afirma:

A alegria, você afirma, é a passagem do homem de uma perfeição menor a uma perfeição maior e, inversamente, a tristeza é a passagem de uma maior a uma menor perfeição. A alegria aumenta o poder de agir, enquanto a tristeza o diminui. (SILVEIRA, 1995:68)

Retorno ao centro da encruzilhada

No espírito exusíaco, o que fizemos aqui foi um ensaio, uma tentativa de aproximação com aspectos do pensamento junguiano a partir do princípio Exu. Um dito de terreiro diz que o senhor do corpo faz o erro virar acerto e o acerto virar erro:

Exu, como ser das encruzilhadas, das trocas, do movimento, associado ao falo e à fertilidade, é central para pensar esta rede transatlântica, na medida em que nele os caminhos das tradições, da memória e das experiências se cruzam. Como personagem da desordem, por um lado, ele nos remete à própria perda dos elos da vida social dos africanos e de seus descendentes, ocasionada pelo regime escravocrata (desterritorialização, desumanização, sevícia, violência etc.). Por outro lado, como agente da ordem, possibilita a rearticulação do mundo pela inversão, cooptação, resistência, jocosidade, criatividade, sedução, enfim, pelos atributos relacionados aos seres que habitam as margens do mundo social ou sobrenatural. Exu é aquele que, como diz o povo de santo, tem o poder de fazer o acerto virar erro e o erro virar acerto, pois traz em si o poder de realização, é o guardião da casa do futuro, do axé, da energia vital que está presente em todos nós e em todas as coisas da natureza. (SILVA, 2019: 208)

Ou ainda:

Em outros termos, é o poder de Exu que inventa mundos nas dobras do tempo e faz com que os erros virem acertos e os acertos virem erros. (RUFINO, 2019: 86)

Que esse erro-acerto nos livre de certezas absolutas e preguiçosas para que a aventura de desvendar almas, a nossa e as de outros, sempre seja encantada, inquieta, criativa, em movimento. No contexto de um país erguido por sangue e também por criatividades afro-diaspóricas e indígenas, Exu, assim como caboclos, encantados, pretos velhos, entidades, seres da floresta são referências para pensarmos a formação da psique (que é sempre um processo histórico), sua dinâmica, e, por consequência, o trabalho terapêutico. Caminhos abertos, e múltiplos, sempre!

Retorno ao centro da encruzilhada para partir em direção a caminhos que permitam embrenhar-me na floresta da psicologia analítica, bem como no meu processo de individuação. E encerro essas provisórias palavras com um trecho do poema *Padê de Exu Libertador*, de Abdias Nascimento:

Ofereço-te Exu
o ebó das minhas palavras
neste padê que te consagra
não eu
porém os meus e teus
irmãos e irmãs em
Olorum
nosso Pai
que está
no Orum
Laroiê!

Referências bibliográficas

- ATHAYDE, Rogério. *Exu e o mentiroso*. Rio de Janeiro, Pallas, 2012.
- AUGRAS, Monique. 2008. *O duplo e a metamorfose. A identidade mítica em comunidades nagô*. Petrópolis, Vozes.
- BAKHTIN, Mikhail. 1993. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. O contexto de *François Rabelais*. São Paulo/Brasília, HUCITEC, EdUnB.
- BENJAMIN, Walter. 1993. Sobre o conceito da História. In: *Magia e técnica, arte e política. Obras escolhidas volume 1*. São Paulo, Editora Brasiliense.
- GABANI, Michelle Suzana de Almeida e SERBENA, Carlos Augusto. Exu: um trickster solto no “terreiro” psíquico. *Relegens Threskéia: estudos e pesquisa em religião*. V. 4, n. 2, 2015.
- JUNG, C. G. 1985. *A prática da psicoterapia*. Petrópolis, Vozes.
- _____. 2013. *A natureza da psique*. Petrópolis, Vozes.
- _____. 2014a. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Petrópolis, Vozes.
- _____. 2014b. *Psicologia do inconsciente*. Petrópolis, Vozes.
- _____. 2014c. *Sincronicidade*. Petrópolis, Vozes.
- _____. 2015. *Sobre sentimentos e a sombra*. Petrópolis, Vozes.
- LAGES, Sônia Regina Corrêa. 2003. Exu – luz e sombras. *Uma análise psico-junguiana da linha de Exu na Umbanda*. Juiz de Fora, Clio Edições Eletrônicas.
- MARTINS, Adilson. 2011. *Lendas de Exu*. Rio de Janeiro, Pallas.
- MARTINS, Leda. 2021. *Performances do tempo espiralar. Poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro, Cobogó.
- MELLO, Elizabeth Cristina Cotta. *Dando à luz ao tempo e ao espaço. Entendendo o processo de Criação do Universo nos Mitos e a Criatividade na Psicologia*. S/R.
- MUSSA, Alberto. 2005. *Elegbara. [Narrativas]*. Rio de Janeiro, Record.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida. 2017. *Entre Orfe(x)u e Exunouveau. Análise de uma estética de base afrodiaspórica na literatura brasileira*. Rio de Janeiro, Azougue.
- PRANDI, Reginaldo. 2001. Exu, de mensageiro a diabo. Sincretismo católico e demonização do orixá Exu. *Revista USP*, São Paulo, n. 50, junho/agosto, p. 46-63

- _____. 2001. *Mitologia dos Orixás*. São Paulo, Companhia das Letras.
- RUFINO, Luiz. 2017. *Exu e a pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro, PROPED/UERJ. Tese de doutoramento.
- _____. 2019. *Pedagogia das encruzilhadas*. Rio de Janeiro, Mórula Editorial.
- SANFORD, John A. Mal. 1988. *O lado sombrio da realidade*. São Paulo, Paulus.
- SERBENA, Carlos Augusto e GABANI, Michelle Suzana de Almeida. 2015. Exu: um trickster solto no “terreiro” psíquico. *RELEGENS THRÉSKEIA estudos e pesquisa em religião*, v. 04, n. 02. p. 52-70.
- SILVA, Vagner Gonçalves da. 2015. *Exu. O guardião da casa do futuro*. Rio de Janeiro, Pallas.
- SILVEIRA, Nise da. 1995. *Cartas a Spinoza*. Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves Editora.
- SIMAS, Luiz Antonio. 2013. *Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros*. Rio de Janeiro, Mórula Editorial.
- _____. 2022. *Umbandas: uma história do Brasil*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- VERGER, Pierre Fatumbi. 1981. *Deuses iorubás na África e no Novo Mundo*. São Paulo, Corrupio.
- VON FRANZ, Marie-Louise. 2020. *A sombra e o mal nos contos de fada*. São Paulo, Paulus.
- ZACHARIAS, José Jorge de Moraes. 2019. *Exu, meu compadre. Uma abordagem analítica*. São Paulo, Sattva.